



O MIRANDÊS SOBREVIVERÁ AO SÉCULO XXI? RETRATOS DE UMA LÍNGUA MENORIZADA EM PORTUGAL

WILL MIRANDÊS SURVIVE THE 21st CENTURY?
PORTRAITS OF A MINORITIZED LANGUAGE IN
PORTUGAL

José Genival Bezerra Ferreira¹
Centro de Estudos em Letras/Universidade de Évora

Resumo: Este trabalho tem como objetivo coletar e analisar estudos sobre o mirandês, língua falada por aproximadamente 3.500 pessoas em Terra de Miranda, no norte de Portugal. Embora oficialmente reconhecido pelo Estado português, o mirandês sofreu uma redução de 50% no número de falante, e pesquisas da Universidade de Vigo (Espanha) indicam que essa língua pode desaparecer em menos de 20 anos. Diante desse cenário, este artigo de cunho exploratório analisa dissertações e teses, produzidas em Portugal e no exterior, para identificar os principais temas abordados nas pesquisas acadêmicas sobre o mirandês e mapear áreas de interesse e lacunas nesse campo de estudo. Observou-se uma escassez de pesquisas sobre a língua em programas de mestrado e doutorado, evidenciando a necessidade de uma maior visibilidade acadêmica para o mirandês, de modo a fomentar investigações que contribuam para sua preservação e valorização.

Palavras-chave: Mirandês; Línguas minorizadas; Políticas linguísticas.

¹ josegbferreira1933@gmail.com.

Abstract: *This work aims to collect studies about Mirandese, a language spoken by approximately 3,500 people in Terra de Miranda, North of Portugal. Although it is an officially recognized language by the Portuguese state, Mirandese has suffered a 50% decrease in the number of speakers. According to studies by the University of Vigo (Spain), this language tends to disappear in less than 20 years. In this context, this exploratory article analyzes dissertations and theses produced in Portugal and abroad to identify the main themes addressed in academic research on Mirandese and to map areas of interest and gaps in this field of study. A shortage of research on the language was observed in master's and doctoral programs, highlighting the need for greater academic visibility for Mirandese, in order to encourage investigations that contribute to its preservation and appreciation.*

Keywords: *Mirandese; Minoritized languages; language policies*

INTRODUÇÃO

Os esforços para reviver as línguas minorizadas² geralmente começam com foco na educação. Em comparação com as línguas dominantes, o uso de línguas minorizadas na educação é limitado ou inexistente na maioria das vezes (Cenoz; Gorter, 2005). As investigações sobre o ensino de línguas minorizadas podem trazer contribuição significativa para a pesquisa educacional, como alfabetização em primeira língua (L1), aquisição de segunda língua, bilinguismo e multilinguismo, língua e identidade, política linguística e aquisição de línguas adicionais.

A maioria da população da Europa e América do Norte, para exemplificar, é monolíngue em uma das “grandes” línguas, e esses falantes só são expostos a outras línguas no contexto escolar ou através da mídia. Ser monolíngue é excepcional no caso de falantes de línguas minorizadas. Na Europa Ocidental, os falantes de línguas minorizadas como basco e frísio, mas também de outras como catalão, irlandês, galês, friuliano e sámi precisam ser multilíngues (GORTER; CENOZ, 2011). Todos eles falam pelo menos a língua majoritária com a qual estão em contato. Em muitos casos, quando o idioma majoritário não é o

² Optamos por utilizar o termo "minorizada" em vez de "minoritária", como é frequentemente empregado nos estudos atuais, como no trabalho *Multilinguismo Receptivo: Um Aliado das Línguas Minorizadas: O Que é que o Mirandês Pode Aprender da Experiência Frísia?*, de Belmar e Pinho (2020).

inglês, eles também precisam ter algum domínio do inglês como “idioma de comunicação mais ampla”. Nesse sentido, os falantes de línguas minorizadas precisam ser pelo menos bilíngues e aprenderem idiomas adicionais na escola.

Ainda no contexto europeu, a constelação multifacetada de línguas da Europa compreende uma gama de línguas minorizadas (Extra; Gorter, 2008). Existem as chamadas línguas minorizadas “únicas”, que são faladas em um ou às vezes mais de um Estado, mas não são a língua dominante de nenhum Estado. Essas minorias podem ser extremamente pequenas e estar à beira da extinção, como o mirandês em Portugal. Para Hargitai (2014, p. 10), “se calhar apenas nas faixas etárias mais idosas falam o mirandês...”, o que revela uma realidade em que a transmissão intergeracional dessas línguas enfrenta sérios desafios. Sem a continuidade por meio de falantes jovens, essas línguas minorizadas estão particularmente vulneráveis à extinção, uma vez que a transmissão linguística ocorre de forma limitada ou é completamente interrompida, restringindo o uso da língua às gerações mais velhas.

Algumas línguas minorizadas são línguas oficiais do Estado, mas na prática funcionam em termos sociológicos e econômicos em grande parte da mesma forma que outras línguas minorizadas como o mirandês que tem de “competir” com o português, que é a primeira língua oficial do país. Os 27 estados membros da União Europeia compartilham 24 idiomas oficiais, de acordo com dados da Comissão Europeia 2023³, entre os quais o português, mas não o mirandês. Numa perspectiva mais ampla, vemos que os 46 Estados-Membros do Conselho da Europa têm 41 línguas como línguas oficiais de Estado. Contudo, estes ainda são apenas um pequeno subconjunto das estimadas 195 comunidades linguísticas na Europa (PAN, 2018).

Neste artigo, debruçamo-nos sobre o mirandês, uma língua minorizada falada na região nordeste de Portugal. Mesmo sendo uma língua oficialmente

³ Conferir: https://commission.europa.eu/index_pt Acesso em: 15 de jun. de 2023.

reconhecida pelo Estado português, o mirandês enfrenta falta de valorização e quase total invisibilidade nos meios de comunicação, nas escolas, entre outros espaços públicos. Para tanto, realizamos uma coleta de informações em dissertações e teses disponíveis em plataformas eletrônicas de instituições de ensino superior, que, além de promoverem pesquisa científica, produzem novos conhecimentos e atuam como importantes ferramentas para a difusão desse saber. Com base nessas pesquisas, o objetivo deste trabalho foi conduzir uma análise exploratória dessas produções acadêmicas, identificando os temas principais e mapeando áreas de interesse e lacunas no estudo do mirandês. Dessa forma, buscamos promover maior visibilidade acadêmica e incentivar estudos que contribuam para a preservação e valorização dessa língua. Ademais, as universidades desempenham um papel essencial na divulgação científica, fortalecendo a presença do mirandês por meio de programas, projetos e ações de extensão que podem impactar positivamente a vida dos sujeitos e da comunidade linguística.

Assim, neste estudo, focamos na documentação existente sobre a língua mirandesa, abordando aspectos como sua gramática e o contexto sociolinguístico em que é falada, ao invés de nos centrarmos em intervenções diretas para a revitalização da língua. Embora a revitalização seja essencial para a preservação de línguas minoritárias, nosso objetivo principal é criar um mapeamento que possa, futuramente, subsidiar ações de revitalização e políticas linguísticas, tomando como base o contexto universitário e os estudos realizados nos programas de pós-graduação.

Este trabalho está organizado em quatro seções, excetuando-se introdução e considerações finais, sendo que todos que se entrelaçam. A primeira seção incidirá sobre o enquadramento da língua mirandesa desde o período em que era uma “mera” língua oral à sua “descoberta” por Leite de Vasconcellos, que lhe forneceu documentação filológica e literária. Na segunda seção, apresentamos

breve histórico sobre as políticas linguísticas. Na terceira seção, explicaremos os procedimentos metodológicos em que o artigo se apoiou. Na quarta seção, por fim, apresentamos os resultados seguidos da discussão do material coletado nas plataformas consultadas.

1 MIRANDÊS – QUE LÍNGUA É ESSA?

A língua mirandesa é falada na região do extremo nordeste de Portugal. Pertencente à mesma “família” da antiga língua leonesa, foi reconhecida pelo Estado português como Língua da região da Terra de Miranda, tendo seu reconhecimento pelo parlamento português como língua oficial em 1999⁴, a par da publicação da *Convenção Ortográfica*⁵, cuja primeira versão surgiu em 1995. Segundo o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)⁶, o mirandês é a língua minorizada falada no norte de Portugal, numa extensão de 500 km² de planalto nas proximidades da fronteira com a Espanha e segue o sinuoso percurso do Rio Douro.

Como já foi referido em trabalhos (cf. Martins, 2014), o século XX testemunhou desenvolvimento sério em geografia linguística, especificamente em atlas linguísticos que permitiram mapear variedades nacionais e regionais de língua na Europa com base em características fonéticas, morfológicas e lexicais. Barros Ferreira e Martins (1987, pp. 33-34) afirmam que os atlas linguísticos permitem mostrar as diferenças e semelhanças entre línguas e dialetos. Esses autores citam diferentes atlas, como o *Atlas Linguarum Europae* (ALE) e o *Atlas Linguístico da Península Ibérica* (ALPI), este último composto por 75 mapas com foco na fonética histórica. Com base nesses atlas, Dębowiak (2008) destacou

⁴Conferir: <https://debates.parlamento.pt/catalogo/r3/dar/s2a/07/04/002/1998-09-18?sft=true>
Acesso em: 24 de jun. de 2023.

⁵ Conferir: <https://files.dre.pt/1s/1999/01/024a00/05740574.pdf> Acesso em: 24 de jun. de 2023.
Acesso em: 23 de jun. de 2023.

⁶ Conferir: <https://www.clul.ulisboa.pt/projeto/linguagens-fronteiricas-mirandes> Acesso em: 23 de jun. 2023.

algumas características da história da geografia linguística portuguesa, especialmente devido ao trabalho de Leite de Vasconcelos. O Atlas Linguístico de Portugal (ALP), iniciado por Vasconcelos no início do século XX, foi um projeto pioneiro que buscou documentar a variação linguística em Portugal por meio de levantamentos sistemáticos de dados em várias regiões do país. Vasconcelos foi um dos primeiros a empregar métodos de geografia linguística em território português, estabelecendo uma base sólida para os estudos dialetológicos e incentivando a documentação das particularidades dos diferentes falares portugueses. Seu trabalho contribuiu significativamente para o registro e valorização da diversidade linguística em Portugal.

Vasconcellos foi precursor na “descoberta” do mirandês, língua que remonta muito antes da fundação de Portugal como nação, que é comumente aceita como sendo em 1143 (Quarteu; Frías Conde, 2002, p. 89). José Leite de Vasconcellos foi um conceituado linguista português, filólogo e etnógrafo, cuja tese de doutoramento *Esquisse D'une Dialectologie Portugaise* incidiu na classificação dialectal do português em que o mirandês (e também o galego) aparecem como “codialetos” na terminologia usada pelo linguista português. O seu interesse pela língua surgiu quando se deparou com um estudante de medicina no Porto, em 1882, originalmente de Miranda do Douro. Devido a esse primeiro contato com a língua, levou-o a visitar a região em 1884 para estudá-la e resultou na obra *Estudos de Philologia Mirandesa* (1900 -1901).

Mourinho (1987, p. 75) destaca o mirandês como língua neolatina que abrange o concelho de Miranda do Douro, bem como três localidades do concelho de Vimioso, embora possa ser falada por algumas pessoas do concelho de Mogadouro, nomeadamente Urrós e Bemposta. De acordo com Raposo (1987, p. 56), o mirandês é falado por 15.000 pessoas nas aldeias de Miranda do Douro (exceto Atenor e a própria Miranda) e em três freguesias de Vimioso (Vilar Seco, Anueiro e Caçarelhos) e tem influência em Vimioso, Mogadouro e Bragança. Era

descrita por Vasconcellos (1901)) como uma língua “rústica” utilizada nas atividades tradicionais de agricultura e criação de gado – é a “língua do campo, do lar e do amor”.

Em seus estudos, Vasconcellos (1901, p. 6) afirma que a origem do mirandês é latina, o que conseguiu provar através de uma correspondência completa entre fenômenos latinos e mirandeses, que afetaram e influenciaram a língua em termos, por exemplo, da formação do plural e feminino de substantivos, pronomes, numerais, verbos, preposições, conjunções e advérbios. Vasconcellos (1901, p. 29) afirma que o latim e o mirandês representam dois estágios de uma mesma língua. Contudo, é evidente que o mirandês é uma das línguas que integra o sistema linguístico da Península Ibérica como uma língua autônoma, originada de uma forma direta do latim. Esse latim foi progressivamente modificado pelas populações locais, resultando em um idioma com características próprias, moldadas pelas influências culturais e geográficas da região.

Outro ponto levantado por Vasconcellos (1901, p. 10) é que o mirandês não era a única língua falada na região; coexistiam também o riodonorês e quadramilês, o que indica que o território de Miranda era muito mais extenso do que é atualmente. Além disso, o autor ressalta o fator extraordinário de que a região de Trás-os-Montes apresenta sistemas linguísticos com características singulares.

O mirandês vê-se cercado entre o território leonês, de um lado, e o Rio Douro, por outro, usufruindo assim das condições perfeitas para desenvolver “uma falla especial” (Vasconcellos, 1901, p. 11) ou modo especial de falar, em decorrência de séculos de isolamento, tendo estabelecido contato com o resto de Portugal através de estradas, jornais e escolas.

Neste contexto de confinamento, nas palavras de Vasconcellos (1901, p. 11-15), a fonética do espanhol não influencia particularmente o mirandês, nem a

morfologia, mas sim o seu léxico. O mesmo fenômeno ocorreu com o português, cuja influência foi mais forte nos elementos lexicais, ainda que a relação entre mirandês e português seja mais forte e mais íntima.

Ferreira (2000) assinala que a língua mirandesa passou de geração em geração de boca em boca. Esse sistema linguístico foi e ainda é considerado uma língua em perigo de extinção, uma vez que é geralmente falada em famílias, com vizinhos próximos e principalmente em pequenas aldeias e é hoje considerada uma língua minorizada, do ponto de vista político, sociológico e cultural.

Ao longo dos últimos anos o número de falantes tem diminuído devido à desertificação da região onde se fala o mirandês. No entanto, por ser uma parte indispensável do patrimônio cultural da humanidade, algumas iniciativas têm sido realizadas para promover esse idioma. Foi introduzida nas escolas da região como disciplina escolar, e muitos linguistas manifestam o interesse em pesquisar esta língua (e.g. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) e o Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA) da Universidade de Coimbra).

A Normalização Ortográfica da Língua Mirandesa foi criada em 1999 para assegurar a e justificá-la enquanto sistema linguístico e não dialectal e torná-la mais acessível. A primeira adenda a esta convenção ortográfica foi aprovada em 2000. Com este documento, a posição do mirandês como língua em perigo começou a mudar. Principalmente, prova que a língua mirandesa pode ser facilmente expressa em linguagem escrita com uma forma unificada e regras gramaticais. Aliás, Amadeu Ferreira e José Pedro Cardona publicaram, alguns anos depois, um *Dicionário do Mirandês-português*⁷, agora na versão online. Isso confirma que o mirandês, como qualquer outra língua românica, tem um vocabulário próprio diversificado e com características de um sistema linguístico.

⁷ Conferir: <http://www.mirandadodouro.com/dicionario/> Acesso em: 11 de nov. de 2024.

Segundo Hagège (2009), uma língua pode se perder em duas gerações e há uma língua que desaparece a cada 15 dias: o mirandês enganou a morte quando Leite de Vasconcellos previu seu desaparecimento no início do século XX, todavia a questão permanece - sobreviverá ao novo milênio em um país que se tornou alheio à sua existência e onde a família já não desempenha o papel de passar a língua de geração em geração? É nossa forte crença que, ao longo de todo o processo de “descoberta”, defesa e reconhecimento, o governo central falhou com o povo, a cultura e a língua mirandesas e em última análise, o patrimônio linguístico português como um todo.

2 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

As políticas linguísticas nascem em meio à complexa interação de forças sociais, culturais, religiosas e políticas (Walsh, 2012). Apoiando-se nessa premissa, pode-se dizer que o planejamento linguístico pode ser considerado como uma tentativa crucial de influenciar a dinâmica da língua em (uma parte ou em diferentes partes da sociedade, empregando medidas concretas que abordam o *corpus*, o *status*, a aquisição e/ou o prestígio de uma ou mais variedades linguísticas (Haugen, 1987). Devido a esse prestígio, uma língua de maior prestígio identificada por uma política linguística nacional pode colocar em risco as “outras línguas” (Sonntag; Cardinal, 2015; Tollefson; TSUI, 2004). O *Ethnologue: Languages of the World* (na 17ª ed.) relatou que o globo tem quase 7.100 línguas vivas. Quase 1.500 delas estão com problemas e cerca de 1.000 estão morrendo. Essas línguas ameaçadas também são marcadas como línguas minorizadas, mais popularizadas (Crystal, 2003). Nessa perspectiva, as línguas minorizadas, segundo Grin (2005) e Austin e Sallabank (2011), referem-se às línguas faladas por uma minoria da população de um determinado país. Eles também afirmam que as línguas minorizadas são línguas em risco devido à sua

utilidade em declínio porque seus falantes são obrigados a mudar para a língua nacional

Uma vez que a língua é um componente importante da etnia, um veículo para manter a cultura de alguém e um instrumento de comunicação entre as minorias (Mingyuan, 2014), os formuladores de políticas linguísticas devem também considerar o impacto e o efeito nas línguas minorizadas. Nessa perspectiva, Dekker e Young (2005) afirmaram que as línguas minorizadas representam a rica herança cultural enraizada nas comunidades culturais. Assim, o declínio das línguas minorizadas também pode marcar o fim da herança cultural viva das minorias. Outra ameaça que pode contribuir para a diminuição da força das línguas minorizadas é a ascensão do inglês como língua global (Crystal, 2003). Essa questão é, de fato, uma preocupação da política linguística. Crystal (2003) alertou que se algumas pessoas comemoram o sucesso da língua inglesa na comunidade em detrimento de "outras línguas", isso pode contribuir para a morte das línguas minorizadas. O *status* das línguas minorizadas no planejamento e na política linguística ainda atrai muitos estudiosos. De fato, muitos pesquisadores aprofundaram nas diferentes visões das políticas linguísticas relativas às línguas minorizadas (Hartono, 2016; May, 2012; Canagarajah, 2005; Grin, 2005). Portugal é um país promissor para pesquisa em política linguística, onde a atenção dedicada às línguas precisa ser ampliada.

O mirandês era até há pouco uma língua transmitida em casa de geração em geração. Para Martins e Ferreira (2019), só na década de oitenta surgiu a necessidade de ensinar a língua na escola, também como forma de revitalizar o mirandês. Por esta razão, em 1982 foi apresentado ao Ministério da Educação um requerimento do órgão de gestão da Escola Secundária de Miranda do Douro, que solicitava autorização para a implementação de um curso opcional de mirandês. Esta petição foi negada pelo Ministério que afirmou que, legalmente, os cursos que não faziam parte do currículo nacional não poderiam ser

introduzidos em locais específicos. Só em 1985 foi aprovado para a região de Miranda do Douro um curso opcional semanal de duas horas de Mirandês para os alunos do 5.º e 6.º anos e assim 1986/1987 foram os primeiros anos letivos em que o Mirandês foi lecionado na Escola Primária de Miranda do Douro (Martins; Ferreira, 2019).

Hoje em dia, o mirandês é ensinado em todos os anos de ensino. No entanto, foi apenas com o reconhecimento oficial da língua mirandesa em 1999 que o ensino do mirandês foi regulamentado e alargado a outras escolas, embora ainda apenas como uma disciplina extracurricular. Em Sendim, onde se fala um dos três dialetos, iniciaram-se em 2000 os primeiros cursos de língua mirandesa para alunos do 5.º e 6.º anos e os primeiros cursos para alunos do 7.º aos 9.º anos abriram em 2002/2003, para pré-escolares e 1.º a 4.º anos primários em 2004/2005, e dois anos mais tarde para alunos do ensino secundário (Bárbolo Alves, 2020).

A Constituição da República Portuguesa (1976) não menciona a língua mirandesa⁸. Portugal não assinou a Carta Europeia das Línguas Regionais ou Menorizadas, porque no seu território não se fala nenhuma língua regional ou minorizada. No final do século XX, ambas as línguas (mirandês e asturiano) obtiveram certo reconhecimento, embora a oficialização não seja completa. A lei asturiana foi aprovada a 23 de fevereiro, 1998. O principal objetivo dessa lei é promover e proteger o uso da língua regional/menorizada (Martins; Ferreira, 2019).

Essas leis estabelecem que as referidas línguas serão gradualmente incorporadas ao sistema educacional, além de permitirem seu uso em procedimentos administrativos. Embora semelhantes, a legislação asturiana é

⁸ Conferir: Deputado português apresentou uma proposta de alteração para integrar a língua mirandesa no texto da Constituição da República Portuguesa, conforme comunicado pela Associação de Língua e Cultura Mirandesa (ALCM). Disponível em: <https://www.mdb.pt/noticia/livre-apresentou-proposta-para-integracao-do-mirandes-na-constituicao>. Acesso em: 18 jul. 2023.

mais detalhada do que a mirandesa, incluindo uma seção específica sobre instituições dedicadas à proteção e promoção da língua, como a Academia de la Llingua Asturiana, entre outras.

3 METODOLOGIA

O estudo se caracteriza pelo seu caráter descritivo e exploratório, buscando a construção de um corpo teórico que possa servir de base para investigações futuras (Malhotra, 2001; Gil, 2002). Com a aspiração de preencher uma lacuna no conhecimento, os estudos exploratórios, geralmente, são essenciais para diagnosticar situações, explorar alternativas ou descobrir novas ideias. A pesquisa exploratória geralmente envolve uma abordagem qualitativa, caracterizando-se principalmente pela ausência de hipóteses (Aaker, Kumar; Day, 2004). Gil (2002) afirma que este tipo de investigação tem como objetivo proporcionar mais aproximação com o problema, objetivando a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que essas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.

Em vista disso, o objetivo deste estudo é verificar a produção científica acerca do mirandês, procurando *a posteriori* analisar criticamente alguns aspectos no que concerne à realidade emergente no contexto da afirmação da língua mirandesa.

Para a concretização do objetivo, seguimos as seguintes etapas metodológicas:

- a) Mapeamento e análise de dissertações de mestrado e teses de doutorado na área de ciências humanas, publicadas em português, espanhol, inglês ou francês e disponibilizadas em repositórios digitais de acesso público, visando identificar tendências, abordagens e contribuições temáticas presentes nesses trabalhos, promovendo um panorama abrangente da produção acadêmica na área.

-
- b) Após o levantamento e leitura, optamos por organizar e sistematizar em forma de quadros por autor, tipo de trabalho (dissertação ou tese), ano de publicação, título do trabalho e instituição onde foi desenvolvido e, por último, o objetivo geral da investigação.
 - c) Discussão dos resultados com base em uma leitura seletiva de trabalho, centrando-se nos temas diretamente relacionados ao objetivo do estudo, que é identificar os principais tópicos abordados nas pesquisas acadêmicas sobre o mirandês e mapear as áreas de interesse e as lacunas nesse campo de estudo.

É válido destacar que, conforme mencionado, não incluímos dissertações e teses que não estejam em formato digital acessível pela internet. Estamos cientes de que podem existir outros trabalhos dessa natureza que abordam a língua mirandesa, assim como outros tipos de trabalho, como artigos, projetos científicos, livros e ensaios, entre outros. Contudo, esses materiais, mesmo sendo muito relevantes, não estão contemplados na proposta deste estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento das investigações sobre a língua mirandesa, em conformidade com a metodologia acima explanada, possibilitou-nos identificar uma escassa produção acadêmica que abarcam os domínios científicos das ciências humanas. Localizamos apenas oito trabalhos, sendo quatro em Portugal e quatro no exterior, sendo cinco dissertações de mestrado e três teses de doutoramento.

Quadro 1 – Levantamento dos estudos de mestrado e doutoramento envolvendo a língua mirandesa em Portugal

AUTOR(A), TIPO DE TRABALHO E ANO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO E INSTITUIÇÃO	OBJETIVO
Margarete Isabel de Almeida Silva (Dissertação de Mestrado, 2017)	<i>Língua mirandesa, ou a revitalização de uma língua em vias de desaparecimento</i> (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)	“O objetivo do nosso estudo consiste em perceber por que razão a língua mirandesa está em perigo partindo de uma análise dos meios que a sociedade civil colocou à disposição dos seus falantes para preservar a língua e cultura mirandesas” (SILVA, 2017, p. 20).
Conceição Fernanda Marcelo Meirinho (Dissertação de Mestrado, 2016)	<i>A Influência da tradução na renovação Lexical do Mirandês</i> (Instituto Politécnico de Bragança)	“...neste trabalho irá fazer-se uma descrição dos processos de formação genolexical disponíveis na estrutura linguística do mirandês, compreendendo aqueles que são autóctones da língua e aqueles que nela se encontram por influência da tradução...” (MEIRINHO, 2016, p. 17)
Carlos Manuel Rêgo (Dissertação de Mestrado, 2013)	<i>A língua mirandesa, um meio de comunicação na socialização</i> (Instituto Politécnico de Bragança)	“...tem como objectivos a divulgação da língua mirandesa junto dos idosos, funcionários, população da aldeia e dos alunos da escola Secundaria de Miranda do Douro, para além de promover uma melhor autoestima e uma maior socialização nos idosos e nos demais participantes” (RÊGO, 2013, p. iii).
Cristina dos Santos Pereira Martins (Dissertação de Mestrado, 1994)	<i>Estudo sociolinguístico do mirandês. Padrões de alternância de códigos e escolha de línguas numa comunidade trilingue</i> (Universidade de Coimbra)	“...centraremos nossa atenção em manifestações verbais bilingues decorrentes de uma situação de contacto de línguas... nosso interesse reside na descrição e explicação de uma outra gama de fenómenos...” (MARTINS, 1994, p. 2).

Silva (2017) analisa a importância da língua, da cultura e da etnografia mirandesa, apresentando estratégias e propostas que possam promover a região

como destino turístico dentro e fora do país. Destacamos o Capítulo I da Dissertação, intitulado *Línguas Minoritárias*, no qual a autora alude a linguística das línguas minorizadas que estão em via de extinção e posteriormente foca na língua mirandesa. Silva chega à conclusão que a língua mirandesa interessa aos seus falantes sobretudo pelo seu valor simbólico de afirmação identitária e que o domínio da língua mirandesa tem ainda mais importância se considerarmos que ela constitui uma via de acesso ao património cultural. Essa revisão da literatura é particularmente importante e oportuna não apenas para linguistas, mas também para estudos de turismo patrimonial, pois aborda segmentos crescentes no turismo, entre eles, o interesse pelo património cultural imaterial em áreas periféricas. Nesse sentido, a contribuição seria com a promoção de destinos turísticos em comunidades de línguas minorizadas.

Já Meirinho (2016), num mestrado em Tradução, particularmente no Capítulo 1, discorre acerca da língua mirandesa e os possíveis percursos para a revitalização por via das traduções para esta língua. A autora conclui que o conhecimento dos recursos do mirandês é uma forma de sistematização dos recursos lexicais para a evidênciação do papel da tradução na manutenção e na revitalização das línguas minorizadas e complementa que “a tradução de textos eruditos para mirandês influencia a renovação do léxico” (MEIRINHO; 2016, p.109). Esse trabalho nos permite refletir criticamente sobre a importância da tradução e que os trabalhos de tradução e produção literária tem adiado o desaparecimento do mirandês, que estudiosos preveem o desaparecimento nas próximas décadas.

Por sua vez, Rêgo (2013) implementou e divulgou a língua mirandesa no centro social e paroquial de São Martinho (em Terra do Miranda). O projeto que resultou na dissertação serviu para evidenciar que uma boa comunicação é essencial para ultrapassar obstáculos e quebrar barreiras. Nesse tocante, o estudo difundiu aspectos positivos que a língua mirandesa pode trazer para pessoas que

moram na Terra de Miranda e não sabem falar essa língua. Sublinhou ainda que os idosos do conselho de Miranda do Douro têm um papel fulcral, pois podem orgulhar-se de saberem comunicar em outra língua nacional além do português e terão papel fundamental na transmissão da língua para as novas gerações.

Martins (1994), seguindo os preceitos metodológicos da Sociolinguística variacionista, busca a correlação entre os usos idiomáticos e fatos sociais no seio da comunidade trilingue (português, mirandês e espanhol) de Paradela, na Terra de Miranda. Para a autora, em vista disso, as línguas minorizadas têm desempenhado papéis cruciais em muitas áreas da linguística - fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, tipologia e etnografia da comunicação. No entanto, receberam comparativamente pouca atenção da Sociolinguística quantitativa ou variacionista. Assim, o estudo ilustra como a comunidade de Paradela fornece novas perspectivas sobre a variação e mudança da língua mirandesa em contato com idiomas majoritários. Se as línguas não são mais transmitidas às gerações mais jovens, o número de falantes diminui rapidamente à medida que as gerações mais velhas falecem. Muitas das línguas minorizadas, como o mirandês, só é ouvida quando as pessoas mais velhas estão envolvidas numa conversa. Nesse sentido, reside a importância de políticas linguísticas e educacionais para preservação e promoção da língua com o envolvimento de pessoas idosas que falam esse idioma.

O Quadro 2 apresenta as pesquisas *stricto sensu* que abordam a língua mirandesa em ciências humanas fora de Portugal.

Quadro 2 – Levantamento dos estudos de mestrado e doutoramento envolvendo a língua mirandesa fora de Portugal

AUTOR(A), TIPO DE TRABALHO E ANO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO E INSTITUIÇÃO	OBJETIVO
Xavier Fernández Rodríguez (Dissertação de Mestrado, 2018)	<i>Diversidade lingüística e falas fronteirizas: o caso do mirandés</i> (Universidade de Santiago de Compostela – Espanha)	“Nestre traballo pretendemos dar luz sobre os procesos de conformación da lingua mirandesa e reflectir sobre o seu carácter fundamentador dunha nova identidade mirandesa” (RODRÍGUEZ, 2018, p.5).
Evelin Gabriella Hargitai (Tese de Doutorado, 2014)	<i>A situação da língua mirandesa Bi- e plurilinguismo numa comunidade minoritária no Nordeste de Portugal</i> (Univerdidade Eötvös Loránd – Hungria)	“...o meu objetivo é chamar a atenção para o facto de Portugal não ser um país monolíngue sem problemas e conflitos linguísticos. A saber, na literatura linguística internacional, Portugal é tido unanimemente como um país monolíngue” (HARGITAI, 2014, p. 2).
Alberto Gómez Bautista (Tese de Doutorado, 2013)	<i>El mirandés: contexto y procesos de formación de palabras</i> (Universidad Complutense de Madrid - Espanha)	“...estudiar los procesos de formación de palabras en mirandés y analizar en qué medida la situación sociolingüística en la que vive un idioma puede afectar a su estructura: en el caso que nos ocupa —los procesos de formación de palabras—, la morfología” (BAUTISTA, 2013, p. xi).
António Bárbolo Alves (Tese de Doutorado, 2002)	<i>Palavras de identidade da Terra de miranda. Uma abordagem estatístico-pragmática dos contos da literatura oral mirandesa</i> (Universite de Toulouse - II Le Mirail – França)	“O presente estudo tem como objetivo uma análise linguística a partir de um corpus de contos orais da região mirandesa, que concebemos como um elemento essencial da identidade da TERRA DE MIRANDA” (ALVES, 2002, p. 5).

Rodríguez (2018), no mestrado em *Servizos Culturais*, questiona as formas, estratégias e práticas em que a cultura pode servir para melhorar as condições de vida da população local, tanto quantitativamente quanto qualitativamente (reconhecimento, dignidade, visibilidade etc.). Este esforço, o que tem sido feito numa perspectiva crítica do chamado turismo cultural, assenta num forte conjunto de suposições sobre o valor intrínseco de culturas e sociedades. Estudar uma língua a partir de uma perspectiva não exclusivamente linguística tem “uma vantagem” de entendê-la como um vetor de reconhecimento e revalorização da

comunidade como patrimônio imaterial. Estudar o mirandês hoje pode contribuir, portanto, para o enriquecimento do potencial expressivo daquela região de Portugal, temos que vê-la numa perspectiva do quadro global do estado geolinguística do planeta e sobretudo do continente europeu.

Já Hargitai (2014), em sua tese de doutoramento em Linguística, aborda, entre outras questões, a situação do mirandês no direito internacional, sua vitalidade, sua identidade como comunidade e a paisagem linguística (*linguistic landscape*) da região e ainda assinala alguns aspectos do ensino da língua mirandesa nas escolas da região. A autora designou essas temáticas como “situação microssociolinguística” e “situação macrossociolinguística”. Nesse direcionamento, a autora acentuou atenção para o fato de Portugal não ser um país monolíngue sem problemas e conflitos linguísticos, tendo em conta que na literatura linguística internacional, Portugal é tido unanimemente como um país monolíngue. Esse homogenismo também é alimentado pela história colonial e política de língua unificadora. Em decorrência disso, advém a necessidade de políticas linguísticas internas que não se concentrem apenas na manutenção da diversidade linguística, mas na divulgação do português como língua franca, como bem destaca.

Bautista (2013) elabora uma descrição detalhada da morfologia derivada do mirandês e dos diferentes processos morfossintáticos e semânticos que operam na formação de palavras, levando em consideração a oralidade, mas, sobretudo, os exemplos que a produção escrita recente oferece. Além disso, salienta como o mirandês está sendo configurado na contemporaneidade e se detém na construção de seu padrão e o grau de interferência linguística do mirandês pelo português e, embora em menor grau, de outras línguas; bem como no estabelecimento de seu padrão – dando conta da situação de diglossia entre ambas as línguas - na esfera da formação de palavras. Podemos destacar que a formação de palavras em mirandês tem recebido pouca atenção dos

pesquisadores, situação que tem sido agravada pela quase inexistência de bibliografia sobre a própria língua mirandesa. Nessa perspectiva, é fundamental relacionar o contexto sociolinguístico com os processos de formação de palavras, pois é necessário saber até que ponto uma língua minorizada, no processo de formação de palavras, é afetada pela situação de contato entre duas línguas e em que medida esse processo pode permitir mensurar a vitalidade ou fragilidade da língua objeto de estudo.

Já Alves (2002) assenta seu estudo na procura das características da identidade mirandesa e foca em dados lexicais, textuais e discursivos em contos da literatura oral mirandesa. Desse modo, entendemos que os contos da literatura oral são um elemento constitutivo da identidade da Terra de Miranda, não só porque fazem parte da língua mirandesa, mas também porque são uma criação que vive na memória dos contadores de histórias. Como sabemos, as tradições e expressões orais são usadas para transmitir conhecimento, valores culturais e sociais e memória coletiva. Eles desempenham um papel crucial em manter as culturas e línguas vivas, com o mirandês não seria diferente.

O mapeamento de dissertações de mestrado e teses de doutorado em ciências humanas sobre o mirandês, disponíveis em repositórios digitais, pode desempenhar um papel fundamental no avanço do conhecimento acadêmico ao permitir o acesso e a circulação ampliada de pesquisas. Analisar essas produções acadêmicas, publicadas em português e espanhol, possibilitou identificar tendências e lacunas nas áreas de estudo, contribuindo para o desenvolvimento de uma produção científica mais informada e conectada com contextos diversos (LUCAS; PICALHO, 2021). Além disso, essa prática de mapeamento oferece subsídios valiosos para pesquisadores, professores e formuladores de políticas ao fornecer dados sobre as abordagens metodológicas e temáticas predominantes, destacando a evolução de áreas específicas e auxiliando na tomada de decisões informadas. De acordo com Fachin et al. (2019), o acesso

aberto em repositórios digitais democratiza o conhecimento e aumenta o impacto das pesquisas, promovendo uma circulação mais ampla das ideias e uma colaboração potencial entre estudiosos de diferentes regiões e línguas. Assim, ao facilitar o acesso à documentação de pesquisa, o mapeamento fortalece não só a academia, mas também as práticas educacionais e sociais que dela se beneficiam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos globais, verificamos uma escassa produção acadêmica de dissertações de mestrado e teses de doutorado envolvendo a língua mirandesa, em Portugal e no exterior, em alguma área científica. No total, encontramos apenas oito trabalhos, sendo cinco dissertações e três de doutorado. Como mencionado na metodologia, a busca foi feita apenas nos repositórios digitais de publicações científicas nas instituições de ensino superior em Portugal, usando as palavras-chave para a busca “mirandês” e “língua mirandesa” (e.g. <http://dspace.uevora.pt/rdpc/>, <https://repositorio.ul.pt/>, <https://portal3.ipb.pt/index.php/pt/bibliotecas/biblioteca-digital-do-ipb-repositorio>). A pesquisa foi feita em todas as universidades públicas (13) e em todos os institutos politécnicos (13) também públicos de Portugal, conforme a Direção-geral do Ensino Superior⁹, órgão do Governo Português. Complementamos nossa pesquisa consultando o Repertórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal¹⁰. Para a pesquisa no exterior, utilizamos o Google Acadêmico¹¹, usando as mesmas palavras-chave em português, inglês, francês,

⁹ Conferir: https://www.dges.gov.pt/pt/pesquisa_cursos_instituicoes?plid=372 Acesso em: 29 de jun. de 2023.

¹⁰ Conferir: <https://www.rcaap.pt/search.jsp> Acesso em: 29 de jun. de 2023.

¹¹ Conferir: <https://scholar.google.com/> Acesso em: 29 de jun. de 2023.

espanhol e galego. Também consultamos o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes -Brasil¹².

As obras coletadas para o processo de análise abordam alguns temas fundamentais na ampla área das ciências humanas. Silva (2017) e Hargitai (2014), entre outras questões, trataram a respeito da revitalização da língua mirandesa, da necessidade de políticas linguísticas que devem abarcar a diversidade cultural e a importância do planejamento linguístico e educacional público para garantir a sobrevivência do mirandês. Meirinho (2016) e Bautista (2013) abordaram a questão lexical da língua mirandesa seja pela via da tradução seja pela formação de palavras. Enquanto Meirinho (2016) entendeu a tradução como mecanismo para ajudar na conservação e difusão das línguas minorizadas em Portugal e promover dessa forma a diversidade cultural e linguística do país. Bautista (2013) contribuiu com dados diacrônicos sobre os processos de formação de palavras em mirandês, prestando especial atenção ao analisá-los à luz da pressão exercida pela língua dominante (português) sobre o mirandês.

Martins (1994) e Rodríguez (2018) abordaram a língua mirandesa em contato. O contexto mais usual do desaparecimento de uma língua se dá em contextos de bilinguismo, ou melhor, de um tipo de bilinguismo muito instável e assimétrico em que duas ou mais línguas estão em contato. Os autores ofereceram uma contribuição aos fenômenos linguísticos e sociolinguísticos envolvidos e levantaram algumas questões que se mostraram relevantes no estudo da língua e da linguística de contato.

Rêgo (2013) e Alves (2002) abordaram a língua mirandesa, identidade e literatura oral. A conexão entre identidade e linguagem é difícil de negar. A preocupação central dos trabalhos reside na relação entre linguagem e identidade de grupo, uma relação que ganha maior relevo em contextos de “minorias”, como

¹² Conferir: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/> Acesso em: 29 de jun. de 2023.

no caso do mirandês. Uma vez que grande parte do interesse atual em línguas minorizadas gira em torno de questões de política de identidade, direitos linguísticos e a situação das línguas ‘ameaçadas’. Além disso, a literatura oral alimenta a cultura da Terra de Miranda, produzindo um dos pilares identitários da área. Os idiomas - o mirandês, o português e o castelhano -, formam um importante fragmento da memória coletiva e um relevante meio de representação social.

Com este artigo conseguimos evidenciar que os atuais estudiosos da língua mirandesa, apesar de existirem centros e grupos de estudos sobre a língua nas principais universidades de Portugal (cf. Centro de Estudos Mirandeses da Universidade do Porto¹³, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa¹⁴ Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada da Universidade de Coimbra¹⁵), considerando que os membros são professores dos programas de pós-graduação *stricto sensu* de tais universidades, podem não estar surtindo efeito em produção acadêmica como resultados de investigações de mestrados e doutorados nas várias áreas que abarcam as ciências humanas. Conforme as informações recolhidas, revela-se a necessidade de mais produções acadêmicas e assim as universidades, portuguesas nomeadamente, deem sua contribuição para promoção e preservação do mirandês, de modo que esperamos que esses dados, neste breve estudo, sirvam como encorajamento para pesquisadores em línguas minorizadas e que nosso trabalho seja uma contribuição aos estudos do mirandês.

No entanto, não podemos deixar de mencionar a importância outras produções científicas, como artigos, livros e projetos de investigação, que

¹³ Conferir: <http://cem.org.pt/projetos> Acesso em: 10 de jul. de 2023.

¹⁴ Conferir: <https://www.clul.ulisboa.pt/projeto/linguagens-fronteiricas-mirandes> Acesso em: 10 de jul. de 2023.

¹⁵ Conferir: <https://celga-iltec.uc.pt/portugues-em-contacto/#1614424325771-5ecb9228-3c6c0dc7-c3bf> Acesso em: 10 de jul. de 2023.

também contribuem para o estudo da língua mirandesa. Exemplos notáveis incluem o projeto AMPER-MIR – Variação Linguística¹⁶, desenvolvido na Universidade de Aveiro, e o projeto Frontespo¹⁷ da Universidade de Alcalá, que realiza coletas e análises voltadas para o mirandês. Esses projetos buscam documentar e compreender as variações e características da língua, contribuindo significativamente para sua preservação e para o aprofundamento das pesquisas sobre essa língua minorizada.

REFERÊNCIAS

AAKER, D; DAY, G. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Atlas, 2004.

ALVES, A B. The Mirandese language of Portugal. *EJM Europäisches Journal für Minderheitenfragen*, v. 3/4, p. 135-142, 2020.

ALVES, A B. **Palavras de identidade da terra de Miranda**: uma abordagem estatístico-pragmática de contos da literatura oral mirandesa. 2002. 411f. Tese (Doutorado em Linguística), Université de Toulouse le Mirail. Disponível em: <https://www.theses.fr/2002TOU20024>. Acesso em: 10 de junho de 2023.

AUSTIN, P; SALLABANK, J. **Cambridge Handbook of Endangered Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

BARROS FERREIRA, M B; MARTINS, A. M. O Mirandês nos Atlas Linguísticos. In: **Actas das 1.as Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa**. Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro, 1987, p. 33-42.

BELMAR, G; PINHO, S. **Multilinguismo receptivo: um aliado das línguas minorizadas: o que é que o mirandês pode aprender da experiência frísia?** Études romanes de Brno, Brno, v. 41, n. 1, p. 141-157, 2020. ISSN 2336-4416 (online). Disponível em: <https://hdl.handle.net/11222.digilib/142578>. Acesso em: 12 nov. 2024.

BAUTISTA, A. G. **El mirandés: contexto y procesos de formación de palabras**. 2013. 558f. Tese (Doutorado em Filologia), Universidad Complutense de Madrid. Disponível em: <https://eprints.ucm.es/id/eprint/23981/1/T35037.pdf>. Acesso em: 15 de mai. de 2023.

¹⁶ Conferir: <http://www.varialing.eu/> Acesso em: 12 de nov. de 2024.

¹⁷ Conferir: <https://www.frontespo.org/es> Acesso em: 12 de nov de 2024.

CANAGARAJAH, S. Dilemmas in planning English/vernacular relations in post-colonial communities. **Journal of Sociolinguistics**, v.9, n.3. p. 418-447, 2005. DOI [10.1111/j.1360-6441.2005.00299.x](https://doi.org/10.1111/j.1360-6441.2005.00299.x)

CENOZ, J; GORTER, D. Trilingualism and minority languages in Europe. **International Journal of the Sociology of Language**, v.171, p. 1-5, 2005.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA. 1974. VII Revisão Constitucional [2005]. Disponível em: <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx> Acesso em: 20 de mai. de 2023.

CRYSTAL, D. **English as a global language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DEBOWIAK, P. Nota sobre os dialectos de Portugal, **Romanica Cracoviensia**, v. 8, p. 21-28, 2008.

DEKKER, D; YOUNG, C. Bridging the Gap: The Development of Appropriate Educational Strategies for Minority Language Communities in the Philippines. **Current Issues in Language Planning**, v.6, p. 182-199, 2005.

DOI 10.1080/14664200508668280

EUROPEAN COMMISSION. **Multilingualism: An asset for Europe and a shared commitment**, 2008. Brussels. Disponível em: http://ec.europa.eu/languages/pdf/com/2008_en.pdf. Acesso em 20 de mai. de 2023.

EXTRA, G; GORTER, D. The constellation of languages in Europe: An inclusive approach. In: EXTRA, Guus; GORTER, Durk (orgs.). **Multilingual Europe: Facts and policies**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, p. 3-60.

FACHIN, J; BLATTMANN, U; CALDI, C. F. **Ponto de Acesso**. Salvador, v. 13, n. 2, p. 86-115, ago. 2019.

FERREIRA, S; MARTINS, C. S. N. Capital tradutológico e defesa da língua mirandesa. In: BAUTISTA, Alberto Gómez; MOUTINHO, Lurdes de Castro; COIMBRA, Rosa Lúcia (org.). **Ecolinguismo e línguas minoritárias**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2016, p. 183-222.

FERREIRA, Manuela Barros. Em torno da Convenção ortográfica da língua mirandesa. In: MEIRINHOS, José Francisco (org.). **Estudos mirandeses: balanço e orientações**. Porto: Editores e livreiros, 2000, p. 55-68.

FERREIRA, A; CARDONA, J P. **Dicionário -Dicionário da língua mirandesa**. (sd). Disponível em: <http://www.mirandadodouro.com/dicionario/traducao-mirandes-portugues>. Acesso em: 8 de jun. de 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Editora Atlas, 2002.

GONZÁLEZ, X. H. C. **Persente i futuro de la lhéngua mirandesa: Studo de ls usos, atitudes i cumpetências lhenguísticas de la populaçon mirandesa**. 1. ed. Vigo: Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, 2022.

GORTER, D.; CENOZ, J. **Multilingual education for European minority languages: The Basque Country and Friesland**. *Int Rev Educ*, v. 57, p. 651–666, 2011.

GRIN, F. **Linguistic human rights as a source of policy guidelines: A critical assessment**. *Journal of Sociolinguistics*, v.9, p.448-460, 2005.

GRIN, F. **Combining Immigrant and Autochthonous Language Rights: a Territorial Approach to Multilingualism**. *Linguistic Human Rights. Overcoming Linguistic Discrimination*, p. 31-48, 1994. <https://doi.org/10.1515/9783110866391.31>

HAGÈGE, C. **On the Death and Life of Languages**. New Haven: Yale University Press, 2009.

HARTONO, H. Communicative Competence Assessment for Teachers of Bilingual Schools in Indonesia. **Asian EFL Journal**. v.91, p. 46-62, 2016.

HARGITAL, E. G. 2014. 414f. **A situação da língua mirandesa Bi- e plurilinguismo numa comunidade minoritária no Nordeste de Portugal**. Tese (Doutorado em Linguística). Univerdidade Eötvös Loránd, Budapeste.

HAUGEN, E. Language Planning. In: AMMON, Ulrich et al. (ed.). **Sociolinguistics, vol 1**. Berlin/New York: De Gruyter, 1987, p. 626-637.

LEWIS, P.; SIMONS, G.; FENNIG, C. (eds.). **Ethnologue: Languages of the World** (17th ed.). Dallas, TX: SIL International, 2013.

LUCAS, E.; PICALHO, A.; CAITANO, V. **Mapeamento e descrição de características de repositórios multidisciplinares de dados científicos abertos**. *BiblioCanto*, v. 7, p. 37-61, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2447-7842.2021v7n1ID25703>. Acesso em: 13 de nov. de 2024.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARTINS, C.; FERREIRA, S. **Lost in Migration – Mirandese at a Crossroads**. *Open Linguistics*, vol. 5, n. 1, p. 488-495, 2019.

MARTINS, C. Diatopic variation in Portugal: notes on European Portuguese dialects. In: SILVA, Elisabete; PAIS, Clarisse; PAIS, Luís (Orgs.). **Teaching Crossroads: 9th Erasmus Week**. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2014, p. 81-98.

MARTINS, C. 1994. 176f. **Estudo sociolinguístico do mirandês. Padrões de alternância de códigos e escolha de línguas numa comunidade trilingue.** Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

MAY, S. **Language and Minority Rights: Ethnicity, nationalism and the politics of language.** New York: Taylor & Francis, 2012.

MEIRINHO, C. F. M. 2016. 328f. **A Influência da tradução na renovação Lexical do Mirandês.** Dissertação (Mestrado em Tradução), Instituto Politécnico de Bragança, Bragança.

MINGYUAN, G. **On General Issues of Bilingual Education for Minority Ethnic Groups.** Front. Educ. China, v.9, n.4, p. 603-611, 2014.

MOURINHO, A. M. **A língua mirandesa como vector cultural do Nordeste português.** In: Actas das 1as Jornadas de Língua e Cultura Mirandesas. Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro, 1987, p. 75-87.

PAN, C. Die Minderheitenfrage in der Europäischen Union. Europäisches Journal für Minderheitenfragen, v.1, p.20-31, 2018.

QUARTEU, R.; FRÍAS CONDE, X. L **Mirandês ãa lhéngua minoritaira na Pertual. Ianua**, v.2, p. 89-105, 2002.

RAPOSO, D. A. G. Vitalidade, valor e estudo da língua mirandesa. In: **Actas das 1as Jornadas de Língua e Cultura Mirandesas.** Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro, 1987, p. 55-59.

RÊGO, C. M. 2013. 124f. **A língua mirandesa, um meio de comunicação na socialização.** Dissertação (Mestrado em Educação Social), Instituto Politécnico de Bragança, Bragança.

RODRÍGUEZ, X. F. 2018. 48f. **Diversidade lingüística e falas fronteirizas: o caso do mirandês.** Dissertação (Mestrado em Servizos Culturais), Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.

SILVA, M. I. A. 2017. 125 f. **Língua mirandesa, ou a revitalização de uma língua em vias de desaparecimento.** Dissertação (Mestrado em Línguas Estrangeiras Aplicadas), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real. Disponível em: https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/7255/1/msc_miasilva.pdf Acesso em 26 de jun. de 2023.

SKUTNABB-KANGAS, T. **Indigenous or immigrant minorities? Who is at greater risk?** Norrag News, p. 15-17, 2004.

SONNTAG, S.; CARDINAL, L. **State Traditions and Language Regimes: A Historical Institutionalism Approach to Language Policy**. Acta Univ. Sapientiae, European and Regional Studies, v. 8, p. 5–21, 2015.

TOLLEFSON, J.; TSUI, A. **Contexts of medium-of-instruction policy. Medium of instruction policies: Which agenda? Who agenda?** London: Lawrence Erlbaum Associates, 2004.

UNESCO. **Basic texts of the convention for the safeguarding of the intangible cultural heritage**. 2003 Disponível em: https://ich.unesco.org/doc/src/2003_Convention_Basic_Texts-_2022_version-EN_.pdf Acesso em 21 de mai. de 2023.

VASCONCELLOS, J. L. 1901. **Esquisse D'Une Dialectologie Portugaise**. Tese (Doutorado em Letras), Faculté Des Lettres, L'université De Paris, Paris.

VASCONCELLOS, J. L. **Estudos de Philologia Mirandesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1900 -1901.

WALSH, J. **Language policy and language governance: A case-study of Irish language legislation**. Language Policy, v.11, p. 323–341, 2012.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 24 de julho de 2023.

Aprovado em sistema duplo cego em: 11 de janeiro de 2026.